

Os caminhos da perfeição humana. Continuidades e descontinuidades

Alcinda Pinheiro de Sousa | Maria José Pires | Teresa Malafaia

FLUL; CEUL/ULICES | ESHTe; CEUL/ULICES | FLUL; CEUL/ULICES

World-consciousness, or mankind-consciousness, this is indeed something of an achievement. *Yet, it is not easily acquired, nor does it easily become a definitive acquisition.*

Moser, *Dilecta Britannia*: 487 (itálico nosso)

A presente epígrafe foi retirada do último parágrafo do último ensaio de Fernando de Mello Moser – “The Rise of Contemporary Britain: 1945 and After (Topics)” – incluído em *Dilecta Britannia*, colectânea organizada pela sua viúva, Maria da Conceição Pestana de Mello Moser, e publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2004. Pretende-se, ao dar relevo a esta afirmação do ensaísta (redigida em 1983, mas inédita até à sua publicação póstuma), enfatizar e simultaneamente clarificar o título e o subtítulo da comunicação aqui apresentada. Com efeito, “Os Caminhos da Perfeição Humana” aponta o título de *Tomás More e os Caminhos da Perfeição Humana*, publicado por F. M. Moser em 1982. Neste livro, que reúne estudos vindos a público desde 1968, encontra-se “A Ilha e a Visão. Caminhos da Perfeição Humana em Escritores Ingleses do Renascimento”, originalmente apresentado à 10.^a Conferência da International Association of University Professors of English, realizada em Poznan, Polónia, em 1977. Aí se lê:

Se é certo que na *Utopia* de More a ênfase é posta na comunidade e na *Tempestade* de Shakespeare a ênfase é posta no indivíduo, não é menos certo que ambos os autores e ambas as obras patenteiam – por assim dizer assintoticamente, uma em relação à outra – a relação dialéctica entre dois caminhos de perfeição: um assentando nos pressupostos de que nenhum homem é uma ilha, e de que a comunidade *pode*, pela educação e organização político-social, gerar um conjunto de indivíduos *quase* perfeitos; o outro, pelo contrário, atento à problemática do ser humano individualmente considerado, como autêntica ilha que cada homem é, mas cujo aperfeiçoamento conduz inevitavelmente à reconciliação, harmonia, encontro e alegria transcendente daqueles que giram à sua volta e, em certa medida, dele dependem. (*Tomás More*: 66. Itálicos nossos)

Assim, já em 1977, Moser relativizava a perfeição absoluta, afinal utópica, mediante a modalização em “*pode* [...] gerar” e “*quase* perfeitos”, na frase acima – “a comunidade *pode*, pela educação e organização político-social, gerar um conjunto de indivíduos *quase* perfeitos”. É para semelhante perfeição relativizada que aponta, por seu lado, o subtítulo deste breve ensaio a três mãos – “Continuidades e Descontinuidades” –, apoiado no texto da epígrafe, onde a perfeição, *i.e.*, “World-consciousness, or mankind-consciousness”, se apresenta como “achievement”, mas sobretudo como “[not] [...] easily [...] a definitive acquisition”. De facto, ao longo das últimas duas décadas do século passado e da década e meia deste século XXI, foi-se tornando cada vez mais relevante tomar em mãos a defesa que Moser faz da “educação” e da “organização político-social” como os caminhos humanos que irão sendo descobertos e/ou construídos sempre, mas sempre im-perfeitos, *i.e.*, nunca concluídos, para se alcançar, mas sobretudo para se manter, a consciência do mundo em que vivemos e a da humanidade que somos.

Esta análise, fazendo assentar o progressivo desenvolvimento humano global na educação e na organização político-social, encontra-se incondicionalmente enquadrada pelos estudos humanísticos, que, desde aqueles anos 80 do século XX, parecem estar em imparável processo de enfraquecimento face à dureza dos mercados servidos pela globalização tecnológica. Todavia, esses estudos humanísticos vão resistindo, ao procurarem reinventar-se em sociedades quase

exclusivamente concebidas em função de factores financeiros e económicos. É o caso de *The Humanities and the Public Life* (2014), onde Peter Brooks declara que um dos valores dos estudos humanísticos, e em especial dos estudos literários, consiste no ensino/aprendizagem da leitura consciente, sem o que, declaramos nós, se tornará inviável qualquer desenvolvimento sistemático de indivíduos e comunidades devidamente apetrechados de instrumentos críticos de tipo cultural, político-social, bem como financeiro e económico:

I refuse to believe that what I teach [Humanities] is without value. On the contrary, I think I deal with values every day. But the way in which my teaching might help my students to deal with the world is hard to specify; *it surely has something to do with self-conscious reading*, an ability to understand that the messages that daily claim our attention (or inattention) are created or manufactured, the creations of rhetoric rather than a natural process. (Brooks with Jewett: 14. *Itálico nosso*)

As continuidades e descontinuidades dos caminhos da perfeição humana, que se operam através da educação, consubstanciaram-se, no caso de Fernando de Mello Moser, não menos pela via pedagógica do que pela científica. De facto, representamos aqui três gerações de mulheres estudantes face à sua influência directa e/ou indirecta – a primeira, da Teresa Malafaia e minha, a segunda, da Maria de Deus Duarte (também ela colhida pela morte cedo demais, e tão repentinamente que não pode regressar neste volume às suas leituras de Virginia Woolf, como tanto desejava), e a terceira, da Maria José Pires. Em todas nós descobrimos linhas de continuidade e descontinuidade das respostas que fomos dando à influência do Professor Moser, mais ou menos conscientemente, ao procedermos, em quadros teóricos às nossas próprias leituras do Renascimento, do Romantismo, do Vitorianismo e da nossa Modernidade.

Mas não é agora destas leituras que se trata, mas de outras a que Fernando de Mello Moser (1927-1984) se dedicou desde 1953, ano em que iniciou a sua actividade como guia-intérprete, e que não têm recebido da academia a necessária atenção. Por certo, epistemologicamente determinado também pelo quadro teórico-crítico humanístico,

em que fora educado desde a infância, analisou ainda, e de forma pioneira, as continuidades e as descontinuidades dos caminhos para a perfeição humana em termos dos estudos de turismo, nos quais foi trabalhando sempre, em teorização e prática continuadas, ao longo das décadas de 60 e 70 do século XX.¹

Como tal, distinguiu-se no Instituto Superior de Línguas e Administração, de que foi um dos fundadores, e dirigiu, entre 1964 e 1979, a Escola Portuguesa de Turismo. Além disso, salientou-se nos papéis de um dos fundadores da Associação Intercontinental de Estudos Turísticos e Culturais, e de seu primeiro presidente, organizando cursos em Lisboa e no Rio de Janeiro, dos quais se salientam, nesta última cidade, três lições: “Para Uma Filosofia do Turismo”, “Psicologia das Relações Humanas no Turismo” e “Pedagogia do Turismo”. Finalmente, importa sublinhar que se evidenciou como um dos fundadores do SKÄL Clube de Lisboa, entidade inserida numa rede internacional de clubes organizados em torno da tese de que a actividade turística – quando bem desenvolvidas as suas componentes comunicacionais e culturais – pode ser decisiva, *i.e., pode ser um dos caminhos*, para fomentar a amizade e a paz entre povos de culturas muito diferenciadas, *para fomentar a quase perfeição humana*, como consciência do mundo em que vivemos e a da humanidade que somos.

De facto, torna-se inquestionável o pioneirismo do trabalho teórico-crítico deste estudioso português das questões do turismo e da cultura, a viver naquelas décadas de 50, 60 e 70 do século passado, e num país enclausurado pela ditadura e pela guerra, quando verificamos que, em 2005, Annette Pritchard e Adam Jaworski ainda reconheciam, no livro *Discourse, Communication and Tourism*, uma preocupação crescente dos críticos quanto à falta de bases teóricas nos estudos de turismo, responsabilizando pelo facto, não apenas estes estudiosos, mas também as ciências sociais e as humanidades elas próprias: “[...] there is a real sense in which the social sciences and humanities themselves have played an active role in marginalising the study of tourism” (8). A necessidade de prosseguir aquele trabalho teórico-crítico que F. M. Moser lançou é incontornável e, no lançamento de pontes interdisciplinares entre os estudos de literatura de viagens e os estudos de turismo, começámo-lo já, no Centro de Estudos Anglisticos

da Universidade de Lisboa, com o livro *From Brazil to Macao: Travel Writing and Diasporic Spaces* (2013).

Por tudo o que ficou explicado, tornou-se muito relevante a influência póstuma de Fernando de Mello Moser, ainda reconhecido como especialista na área dos estudos de turismo, quando, em 2009, foram finalmente iniciadas negociações entre o Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, a que se juntou o Instituto de Gestão e Ordenamento do Território da mesma Universidade, e que levaram à criação pioneira, no nosso país, do Curso Interinstitucional de Mestrado em Comunicação e Cultura, a funcionar desde o ano lectivo de 2011/12.

Culture is then properly described not as having its origin in curiosity, but as having its origin in the love of perfection; it is a study of perfection. (Arnold: 91)

A primeira vez que ouvi falar de Matthew Arnold foi numa aula de História da Cultura e das Instituições Inglesas leccionada por Fernando de Mello Moser, o Professor. Igualmente dos caminhos da perfeição. Viria, mais tarde, a associá-los no título que escolhi para a minha tese de doutoramento. Volto a associá-los hoje, no momento em que se presta uma homenagem ao Professor e, mais do que nunca, se sente a necessidade de reflectir sobre os Estudos de Cultura.

Ensinar corresponde a uma indagação constante sobre o acto de docência que se está a praticar, num contexto histórico e cultural específico, com determinados estudantes e, naturalmente, sujeita a reajustamentos, tanto conceptuais como metodológicos. Subentende, por conseguinte, reflexões de carácter teórico que advêm do modo como, acompanhados por outros que reflectem sobre a disciplina², nos posicionamos relativamente ao nosso próprio modo de investigar e de transmitir os conhecimentos.³

Em 2004, foi publicada uma obra de Fernando de Mello Moser, *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*, com ensaios de grande interesse na área da Anglística. Apontam modos de abordagem da Cultura Inglesa em que a transdisciplinaridade, enquanto forma de pensar

organizadora e integradora (porque atravessa várias disciplinas), é um valor. E, sendo muitos de nós docentes, fomos passando o testemunho recebido às gerações seguintes.⁴

Reconhecendo que nos movimentamos sobretudo numa tradição ocidental, constatamos que autores e autoras que vamos seleccionando para *corpora* a estudar, nomeadamente da era vitoriana, fundamentam a respectiva argumentação no facto de se confrontarem, em algumas das suas inquirições, com a dificuldade em definir a palavra cultura, nomeadamente omitindo a sua vertente utópica. Considerados os contextos, reconhecemos que, resultando a utopia da demanda idealista de perfeição, é igualmente resposta a insatisfações socioeconómicas e culturais sentidas por muitos. Apercebemo-nos hoje de que, frequentes vezes, foi ao constatar-se a relativa indefinição do termo cultura que se dinamizou o respectivo questionar, destacando-se, tal como John Stuart Mill, Matthew Arnold, Millicent Garrett Fawcett, Annie Besant, Walter Pater, entre outros, o papel de pensador/a interveniente. Esta ênfase conferida àquele que, considerando-se culturalmente mais apto, comunica a verdade aos seus leitores e/ou aos seus ouvintes, decorre indubitavelmente de pressupostos elitistas, em que se aspira a uma sintonia entre a cultura e a perfeição humana, tornando-se a primeira a via para combater a temida anarquia. Salientamos, nesta demanda, Matthew Arnold, que um dia foi mencionado durante uma aula a propósito de Thomas More, referindo o Professor Moser que “[...] by our *best self* we are united, impersonal, at harmony. [...] Well, and this is the very self which culture, or the study of perfection, seeks to develop in us” (Arnold: 134).

Encontrados os referentes conceptuais, em que destacamos a libertação intelectual e o distanciamento crítico, Matthew Arnold preocupou-se com o aperfeiçoamento do indivíduo, ainda que o enquadrasse sempre na sociedade. Se o objectivo primeiro era o avanço individual e colectivo no sentido da perfeição, por vezes, com características utópicas, a ideia de progresso implicava naturalmente todo um conjunto de valores sociais. Sendo a perfeição alcançável, todos os elementos da cultura têm de estar à disposição da inteligência crítica e todas as estruturas sociais devem corresponder às necessidades do momento. Por conseguinte, a atitude crítica, assim como Matthew Arnold a definiu,

seria o caminho necessário para se aprender e se divulgar o melhor que existe no mundo e, naturalmente, também em nós próprios. A crítica, passando obrigatoriamente pelas fases de observação, distanciamento, julgamento e propagação, gerava os motivos para a sua própria prossecução. Paralelamente, a reflexão concretizada a partir do indivíduo, conduziu Arnold a ponderar a situação dos indivíduos na sociedade, o que, finalmente, o levou a problematizar a adesão a grupos e a classes sociais. Ainda que atento ao momento histórico em que viveu, preconizou soluções intemporais fundamentalmente no domínio da educação e da valorização individual. Nessa ordem de ideias, o aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade situar-se-ia na descoberta do equilíbrio entre o Helenismo (da tradição Greco-Romana) e o Hebraísmo (da tradição Judaico-Cristã).

Efectivamente, tal como Fernando Moser afirma em “The Rise of Contemporary Britain: 1945 and After (Topics)”, a propósito de uma selecção de obras críticas sobre o respectivo período, os autores de cada geração escrevem de acordo com os seus próprios pressupostos ideológicos e métodos.⁵ Contudo, se nos nossos dias lidamos com uma acentuada fluidez conceptual, esta convida a uma problematização constante e rigorosa no domínio dos estudos sobre cultura, permitindo decodificar “as tensões produtivas entre rotas [*routes*] e raízes [*roots*]” (Gilroy: 133), não nos deixando esquecer que essa mesma exigência assenta em continuidades e descontinuidades sempre presentes no acto de reflexão sobre as culturas.

[...] I have benefitted from at least a considerable amount of contact with the reminiscences and remarks of people who lived, indeed are living, through the events that, linked together, are part of the pattern of a changing world. (“The Rise of Contemporary Britain”: 481)

É em “The Rise of Contemporary Britain: 1945 and After (Topics)” que Fernando Moser considera as continuidades, descontinuidades e constantes mudanças de perspectiva vivenciadas no percurso de uma vida. Ao reflectir sobre essas continuidades e descontinuidades, deparamo-nos com uma mudança de ponto de vista; da experiência indirecta – das suas leituras, conjecturas ou conclusões baseadas

essencialmente numa experiência constituída pelo pensamento, pelos homens e livros dos tempos passados – passamos para um ponto de vista de experiência semidirecta e, às vezes, directa, decorrente das suas visitas à Grã-Bretanha, mais frequentes desde 1960.

De facto, o despertar das alterações trazidas pela II Guerra Mundial contribuiu para a mudança britânica e das tendências gerais do mundo; assim como um conjunto de outros factores, espelhados na escrita de Virginia Woolf, e que levaram a uma espécie de perda de identidade de algum tipo, tornando-se uma das características centrais das três primeiras décadas da segunda metade do século XX. Neste quadro, Cox e Dyson são citados por Moser ao sublinharem como os escritores modernos expressam continuamente “their sense of the age in images of fragmentation, the outsider, the refugee, the alien, the exile” (“The Rise of Contemporary Britain”: 483).

Foi com a Maria de Deus Duarte que tive o primeiro contacto com o Modernismo e Virginia Woolf, e foi esse saber que me levou mais tarde a compreender o que Moser tão claramente aponta como os dois pontos sobretudo importantes para o conhecimento da cena britânica: o papel de liderança desempenhado pelos jovens no questionar de padrões e “valores” da sociedade em crise, e a dimensão “menor” do nosso mundo, tornando possível que eventos em lugares distantes sejam rapidamente os detonadores para movimentos de intensidade, duração e profundidade variáveis, mas que em muitos casos desenvolvem reacções em cadeia que confundem as previsões, os planos, e até mesmo a sobrevivência, de políticos (“The Rise of Contemporary Britain”: 486). Foi, porém, mais tarde, Alcinda Pinheiro de Sousa quem me apresentou a escritora britânica Angela Carter (1941-1992) e me fez reconhecer nela o que Moser conclui em 1983:

It [world-consciousness, or mankind-consciousness] is not easily acquired, nor does it easily become a definitive acquisition. And in this respect, too, the British scene offers many particular traits to the observer. (“The Rise of Contemporary Britain”: 487)

Tal como declarara em 1976, não é fácil reconhecer o que se pode abandonar e o que tem de ser revitalizado, numa fase de transição em

que há perda de significado de fórmulas, ritos e gestos (“Dialéctica e Unidade no Pensamento de Charles Williams”: 442).

Antes, porém, já Moser iniciava o texto “Twentieth-Century ‘University Wits’ Aspects of Literary Tradition in the Works of C. S. Lewis” chamando a atenção para o modo como os períodos de desenvolvimento muito rápido e de invenção e descoberta generalizadas tinham levado a confrontos violentos de pensamento, e também a um esforço em certos campos de actividade mental que comumente anunciam uma reavaliação de valores (453). Neste quadro, salienta como o estudante de Inglês e Literatura facilmente encontra os sinais e a expressão de todas essas realidades nos escritos da grande encruzilhada na História Inglesa: o Período Tudor (*ibidem*). São as muitas semelhanças entre essa época e a actual que tornam o seu estudo mais interessante, à semelhança do que poderá ser compreendido em autores tão diversos, como é o caso de Carter, sendo que também ela, nos seus romances, dá resposta às peças de William Shakespeare, mediante as alusões que lhes faz. Efectivamente, uma das principais linhas temáticas das ficções pós-modernas tem consistido no problematizar de múltiplos dos nossos discursos histórico-culturais.⁶ Este facto decorre da convicção de que é intrinsecamente aparente a neutralidade política e social de construções culturais convencionadas que, ao serem repetidas de forma sistemática no quotidiano, parecem tornar-se legitimamente culturais e, como tal, inquestionáveis. É, pois, frequente, no Pós-Modernismo, partir-se do interior do próprio cânone para o submeter a uma análise crítica denunciadora da sua convencionalidade. Deste modo, a afirmação de que o trabalho ficcional de Carter se deve inserir no contexto das práticas pós-modernas torna-se facilmente comprovável, mediante a detecção nele de diversos recursos linguísticos e estilísticos que, em geral, consubstanciam aquelas práticas: a ironia⁷ e muitos outros jogos constantes de linguagem (pressupondo ostensivamente um leitor), a intertextualidade, a fragmentação dos discursos e, bem assim, dos códigos vigentes (Pires: 6).

Neste sentido, é na diversidade da sua ficção que Carter renegocia valores de índole cultural e social, levando, em alguns casos, à erosão do próprio cânone. Tal como Moser refere a propósito de C. S. Lewis, há quem o lembre como estudioso, ensaísta em assuntos teológicos

ou pelas obras de ficção, e é esta unidade em tudo o que escreveu, aqui sublinhada, que permitiria compreender tanto o homem como o artista, e que ele tentou efectivar em algumas das suas obras (“Twentieth-Century”: 463). Não poderíamos esquecer esse pensamento quando lemos escritores *multifacetados* como Carter. Ser leitor, como Moser se identifica em relação a C. P. Snow (“C. P. Snow: The Writer”: 478-9), traz desilusão, mas com ele aprendemos a ponderar a crítica – “A crítica põe e o público dispõe” (“John Galsworthy, Filho Pródigo dos Forsyte”) – e a reflectir sobre os grandes pensadores e escritores, concluindo (mesmo que por oposição a Snow) que o que os distingue é “[...] the ability to plunge deeply into the essential roots of human problems, [...] expressing the existential anguish, the irony of futility in great achievement, which is and must be the aim and concern of the really great thinkers and really great writers of our age” (480).

É no posfácio sobre a morte de C. S. Lewis, a 22 de Novembro de 1963, que Moser reflecte brevemente sobre a tristeza pela perda de alguém com quem tanto aprendeu, renovando o que escrevera antes sobre ele:

His writings impress his readers all the more because they are the outcome of a rare combination; the clearness of the accomplished essayist, the precision of the philologist, the poetic use of the language; the richness of the content together with the sincerity of the convert; all have contributed their share to the power of communication his works have been found to possess.

His books continue his teaching. Through them, as through all those who once had the privilege of being his students, it can be said — as Kipling wrote in *Stalky and Co.* —, that “...their work continueth... greater than [his] knowing”. (“Twentieth-Century”: 470)

Também os caminhos escolhidos por Moser ilustram o que na altura seria uma singular orientação, sendo que o seu conhecimento em diversas áreas do saber, reflexo de um percurso distinto, contribui ainda hoje para compreender os desafios e as oportunidades dessas mesmas áreas. Melhorar o entendimento da importância das humanidades para áreas como a do turismo e encorajar a multiplicidade de perspectivas que lhe são inerentes foi para Moser um repto que aceitou e transmitiu aos seus alunos. Se o turismo promove experiências

intangíveis, a competência para comunicar eficazmente tais práticas deve ser otimizada nas suas várias dimensões, e as suas considerações sobre esta questão permitem ainda apontar caminhos por trilhar.

Relembramos, assim, Fernando de Mello Moser, com quem tanto aprendemos, e o seu legado, que permite ao leitor vislumbrar uma *doutrina de solidariedade*, que desenvolveu e soube viver (“Dialéctica e Unidade”: 452).

Notas

- 1 As informações respeitantes às actividades de F. M. Moser no âmbito do turismo e dos seus estudos foram principalmente recolhidas no opúsculo *Fernando de Mello Moser – Filólogo e Ensaísta: 1927-1984*, 2001.
- 2 Entende-se por disciplina, neste âmbito, um domínio particular ou uma área que é objecto delimitado de ensino e de investigação.
- 3 Veja-se, a esse respeito, “Introduction: Victorian Studies and Cultural Studies”: “What’s at stake, of course, in all these discussions are disciplinary and institutional questions about what we produce and reproduce, where we pause and where we press for change. What arguments, strategies, and conceptualizations generate good work that both illuminates and points beyond the period field?” (Williams: 356).
- 4 Destaco, neste domínio, “C. P. Snow: The Writer”. Inédito, redigido em 1965 (Moser, 2004: 471-480). Ainda que posterior ao primeiro momento de viragem nos Estudos de Cultura, pretendo também acrescentar “The Rise of Contemporary Britain: 1945 and After (Topics)”. Inédito, redigido em 1983 (Moser, 2004: 481-487).
- 5 “These books [select bibliography], it will be noticed, were written from considerably different viewpoints, partly resulting from the generation to which the author(s) belong, and to a great extent, cumulatively, resulting from different ideological presuppositions and assumptions, and, of course, different methods – which are also accounted for by the actual subjects primarily dealt with” (Moser, 2004: 482-483).
- 6 Paul Bové inicia “Discourse” referindo os “New Critics” e a utilização que fazem deste termo como uma categoria da crítica contemporânea, cuja utilidade deve ser funcional e reguladora. Apresenta também a ideia pós-estruturalista de que os discursos produzem conhecimento sobre os seres humanos e a sociedade, levando-o tal ideia a analisar a genealogia dos discursos, o seu carácter materialista e a sua relação intrínseca com o poder. Assim, conclui que o uso contemporâneo de “discurso” sugere questões sobre o sujeito que substituem as interpretativas, considerando a função do autor no discurso crítico e na formação do próprio sujeito. Cf. Bové, 50-64.
- 7 Num estudo que não pretende ser taxonómico, Linda Hutcheon considera a política transideológica da ironia. O funcionamento subversivo da ironia é frequentemente relacionado com a perspectiva de um modo autocrítico e auto-reflexivo associado à capacidade de desafiar a hierarquia cuja base são as relações sociais de domínio. Assim, a este desafio e a esta faculdade de subversão está inerente um poder transformativo. O conceito de ironia como contra-discurso é tido como central pelas mais diversas teorias de oposição que focam hierarquias, cuja base poderá ser racial, étnica, sexual, entre muitas outras. Vista como um modo de combate, a ironia torna-se:

[...] a passion that is seen to be especially crucial when the dominant, established discourses show great “absorbitive capacity”. In this view, irony’s intimacy with the dominant discourses it contests – it uses their very language as its said – is its strength, for it allows ironic discourse both to buy time (to be permitted and even listened to, even if not understood) and also to “relativize the [dominant’s] authority and stability” [...], in part by appropriating its power. (Hutcheon: 30)

Obras citadas

- Arnold, Matthew. *Culture and Anarchy*. In *The Complete Prose Works of Matthew Arnold*. Ed. R. H. Super. 11 vols. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1869. 1960-77.
- Bové, Paul A. "Discourse". *Critical Terms for Literary Study*. Ed. Frank Lentricchia e Thomas McLaughlin. Chicago & Londres: The University of Chicago Press. 1995 (1990). 2.^a ed. 50-64.
- Brooks, Peter with Hilary Jewett, eds. *The Humanities and the Public Life*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2014.
- Fernando de Mello Moser – Filólogo e Ensaísta: 1927-1984. Coord. António Trindade e Álvaro Albuquerque. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001.
- Gilroy, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, MA: Harvard UP, 1993.
- Hutcheon, Linda. "Risky Business: The 'Transideological' Politics of Irony". *Irony's Edge: The Theory and Politics of Irony*. Londres & Nova Iorque: Routledge, 1994. 9-36.
- Malafaia, Maria Teresa de Ataíde. "Os Caminhos da Perfeição: Estudo sobre o Pensamento Político e Social na Obra Ensaística de Matthew Arnold". Tese de Doutoramento em Cultura Inglesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1989.
- Moser, Fernando de Mello. *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- "C. P. Snow: The Writer". *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 471-480.
- "Dialéctica e Unidade no Pensamento de Charles Williams". *Broteria*. Vol. 102, n.º 1 (1976). *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 441-452.
- "John Galsworthy, Filho Pródigo dos Forsyte". *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. III série, n.º 12 (1969). *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 427-439.
- "The Rise of Contemporary Britain: 1945 and After (Topics)". *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 481-487.
- *Tomás More e os Caminhos da Perfeição Humana*. Lisboa: Editorial Vega, 1982.
- "Twentieth-Century 'University Wits' Aspects of Literary Tradition in the Works of C. S. Lewis". Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. III série, n.º 2.7 (1963). *Dilecta Britannia: Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 453-470.
- Neumann, Birgit, e Ansgar Nünning, eds. *Travelling Concepts for the Study of Culture*. Berlim & Boston: De Gruyter, 2012.
- Pires, Maria José Pereira. "Angela Carter Responde a William Shakespeare num Contexto de Pós-Modernidade". Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003.

Pritchard, Annette, e Adam Jaworski, eds. *Discourse, Communication and Tourism*. Clevedon, Buffalo & Toronto: Channel View Publications, Tourism and Cultural Change, 2005.

Williams, Carolyn. "Introduction: Victorian Studies and Cultural Studies". *Victorian Literature and Culture*. Vol. 27, Issue 02 (1999). 355-363.